

# DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

## A HISTÓRIA DE VASSOURAS

José Lins do REGO

Não se pode chamar Vassouras de cidade velha. Com pouco mais de cem anos, filha do século XIX, ela não conheceu, como certas cidades pernambucanas, mineiras, baianas, a formação colonial, o peso dos dízimos, não fez guerras, não conspirou, não deu enforcados pela liberdade como Ouro Preto e Recife. Quando nasceu já o Brasil caminhava pelos seus próprios pés, já havia vencido os terríveis dias da Regência.

A história de Olinda, de Vila Rica têm mistérios que veem de séculos. Ouro Preto encerra a grandeza e a miséria do ouro. Quando há pouco passava pelas estradas de Olinda me vinham à cabeça as guerras de Holanda, os índios revoltos, a dura e áspera batalha pela criação das capitanias de Paraíba e Itamaracá.

As velhas igrejas ficavam naquelas terras como marcos. Lá continuam elas. Veem do século XVI e XVII, sobreviveram porque representam um mundo que julgamos morto, mas que está vivo dentro de cada um de nós. Iguarassú, com as suas ruas enladeiradas e as torres de suas igrejas, parecia a mesma das guerras flamengas. Pensei em Vidal de Negreiros, em Camarão, em Henrique Dias, nos engenhos, nas sesmarias doadas por El-Rei. A história de séculos não se sumira; não se sumirá, apesar de tudo.

O povo tem medo destas cidades carcomidas e então justificam o seu pavor, acreditando que elas dão azar, que são pesadas, que carregam desgraças.

Vassouras teve a vida de uma mulher que morreu cedo. Teve vinte e quatro anos de esplendor, do maior esplendor possível. E caiu com

todo o corpo, com toda a beleza. A Vassouras que deu os barões do Império foi o resumo de uma época. Se Ouro Preto nos dá a história do ouro, se Recife nos resume a grandeza do açúcar, Vassouras poderá encerrar no seu século de vida, ou melhor, no seu quarto de século, todas as maravilhas de um período de vida feliz, o tempo mais feliz que o Brasil já viveu. É verdade que houve a Guerra do Paraguai.

Os barões de Vassouras souberam levar a vida, no grande sentido. O café e as terras novas davam tudo. Os seus palácios, os seus parques, as suas fazendas, os seus quadros, os seus livros (os barões de Vassouras quase todos tinham as suas bibliotecas, as suas revistas “de deux mondes”, os seus livros clássicos) falam de homens que tudo tiraram da vida. As caruagens cortavam as estradas puxadas por parelhas famosas, as mulheres vestiam a melhor seda, falavam francês, decotavam-se nas festas imperiais. E as palmeiras crescendo, enquanto os barões comiam tudo o que a terra dava. As modistas francesas montavam ateliers, os colégios finos se enchiam de meninos ricos. Uma condessa de França montava por lá o seu educandário de estilo. A Granda Nacional chegou a possuir um efetivo de mais de mil praças fardadas com banda de música, que era a melhor da província.

O tenente coronel Gil Francisco Xavier só se apresentava em público montado em ginetes de raça. O Barão de Campo Belo manobrava os seus comandados com garbo, com aspecto de paradas reais. Um cronista, referindo-se às paradas da Guarda Nacional, chegou a dizer: “A grande riqueza vassourense reviveu os tempos de Roma”. Os banquetes oferecidos às praças eram servidos pelas ruas: “Mesas lautas em que inúmeras pessoas fartavam-se de finas iguarias e vinhos escolhidos, estendiam-se pelas ruas da cidade”.

O teatro lírico empolgava Vassouras. A Signora Augusto Candiani, com os duzentos figurantes de sua ópera, entrou um dia em Vassouras em triunfo. Vinha para cinco espetáculos e passou três meses. Luis Pistarini, Licori, trinta professores, cômicos, bailarinas assombrando a bela Vassouras dos barões felizes. Um polonês, do Pati do Alferes, oferecia dez contos a quem matasse Solano Lopez. O judeu Benjamin Benatar pagava um conto de reis pela libertação de um alemão anarquista que aparecera por lá, fazendo medo à cidade feliz. As hospedarias se enchiam de caixeiros viajantes e dos “breganhadores”. Havia oficinas de

carpintaria que enchiam os sobrados de móveis bem trabalhados em jacarandá.

A Santa Casa honrava os barões. O Visconde de Cananéia fôra quase que um franciscano na grande epidemia febre amarela. O Imperador era recabido como um Carlos Magno, como melhor se poderia receber um rei. Hospedara-se num palácio de dezessete janelas de frente e deu do seu bolso dois contos e quinhentos para a chafariz da cidade. Dão-lhe um baile que o sr. Ignácio Raposo diz que fora “um festim real como os grandes bailes de Luís XIV”.

Há crimes célebres em Vassouras. Um padre é condenado no juri como sicário. A cidade se constrange com os dobres a finados: são negros cativos, assassinos de senhores, que vão ser executados. O Imperador não lhes pôde comutar a pena, porque não eram pessoas, eram cousas.

A Madame Masson vem do Rio com seu atelier de modista. Chega depois a Mme. Simone que “trouxe para esta cidade mais algumas companheiras de nacionalidade francesa que iniciaram entre nós o requinte de elegância no trajo feminino, o chique parisiense”. Joaquim Calhois exhibe rubis, pêrolas, diamantes em sua loja. Chabons vende relógios de ouro. Escuta-se o rolardos carros pelas ruas calçadas. Diz um cronista: “Nesses palácios, com todas essas riquezas celebravam-se bailes e festas suntuosas, em que as senhoras ostentavam chales de Toquim, sedas de Lion, rendas da Inglaterra, luvas de Louvin”. Pianos de cauda se desmanchavam nas “romanzas” e “cavatinas”. Os professores de música, as lições da Condessa de La Meure criavam virtuosos de canto e conversação. Joaquim Nabuco passeava a sua elegância londrina pelos quatro cantos da cidade. Amou em Vassouras. E João Caetano levou a sua companhia para fazer os barões chorarem com as dores de Otelo. A estréia de “Omphalia”, de Quintino de Bocaiuva, levada pela companhia deste extraordinário artista, foi um dos maiores triunfos de teatro que assistiu o nosso público, diz Raposo.

A cidade chega aos últimos requintes. Vinte e quatro anos de sonho. A luta pela estrada de ferro entre os Teixeira Leite e os Faros, de Resende, enche os serões de Vassouras de debates calorosos. Vencem os Faros. E Vassouras começa a murchar desde 1878. O francês Ribeyrolles que visitou a grande terra no seu apogeu, tem olho de coruja para as

grandezas que via: “como admitir-se então esta carreira louca de bárbaros colhendo frutos e incendiando florestas?”

Vem a liberdade dos negros; chegou a erosão. Um século depois uma Teixeira Leite deixa em testamento tudo o que tem para a sua cidade pobre. Os trinta mil contos de Dona Eufrásia vieram as estranhas gastas das terras de Vassouras. Voltaram à mãe terra.\*

---

(\*) Publicado originalmente em 8 de outubro de 1941, no antigo jornal “A Manhã”, do Rio de Janeiro. Seria desnecessária qualquer palavra de apresentação do autor do recorte deste número de nossa revista. Figura das mais representativas da literatura nordestina ( e brasileira em geral), tornou-se José Lins do Rego (1901-1957) a expressão máxima do chamado “ciclo da cana de açúcar”, com numerosos romances que evocam a vida (e a sua própria) nos engenhos da Paraíba). Vivendo algum tempo no Rio de Janeiro, conheceu bem a terra fluminense, cuja história e cultura despertaram sempre seu interesse, quer nos seus momentos de esplendor como nos de decadência, como o demonstra o que pequeno acordo em que evoca Vassouras, num corte bastante significativo para se poder apreciar o que representou historicamente a simpática cidade fluminense.